



EIR EM PORTUGUÊS

Lyndon LaRouche, fundador

Como deve o BRICS responder às cripto-tarifas de Trump?

por Dennis Small

16 de agosto (EIRNS) - Há três resultados previsíveis da agressiva política de cripto-tarifas de Trump. Uso a expressão “cripto-tarifa” deliberadamente, porque a imposição de tarifas altíssimas a torto e a direito, especialmente sobre países-alvo dos Brics, anda de mãos dadas com a expansão frenética das criptomoedas para socorrer a bolha especulativa de US\$ 2 quatrilhões que é como um câncer gigante no sistema financeiro transatlântico.

A imposição de tarifas saqueará as economias físicas do Sul Global e forçará enormes fluxos de fundos para os centros financeiros do Ocidente (Wall Street e a City de Londres); e a explosão das criptomoedas visa sustentar a bolha financeira impagável desses mesmos centros.

Observe que o autor intelectual de ambas as políticas é, supostamente, o atual secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, que chefiou uma empresa proeminente em serviços financeiros Cantor Fitzgerald de 1990 a 2025. A Cantor Fitzgerald é uma das principais participantes da febre das criptomoedas e administra os ativos de reserva do Tether, de longe a maior stablecoin cripto.

Os três resultados previsíveis são:

1) Haverá calotes involuntários e moratórias nos pagamentos da dívida externa por parte de vários países do Sul Global, pois haverá quedas acentuadas em suas exportações para os EUA e outros países e, portanto, em suas receitas de exportação, como resultado das tarifas.

Os 20 países do Brics (10 países-membros e 10 parceiros) têm uma dívida externa combinada de cerca de US\$ 6 trilhões – o que é um importante estopim, entre muitos, que pode detonar a bomba financeira de US\$ 2 quatrilhões.

Com a onda de calotes soberanos, os países deve-

dores serão pressionados a aceitar acordos com o FMI, que tentará impor suas odiadas condicionalidades de austeridade. As nações vítimas terão que escolher entre afundar com o *Titanic* de Wall Street e da City de Londres, ou buscar opções independentes desse *Titanic*, como a Iniciativa Cinturão e Rota da China e a abordagem coletiva do Brics. Como resultado, esperem-se grandes realinhamentos globais.

2) O Sul Global começará a reorientar significativamente seus fluxos comerciais, aumentando as exportações para países que não lhe impõem tarifas, e importando de outros países do Sul e do Leste Global, que também são vítimas das cripto-tarifas. O comércio intra-Brics será particularmente favorecido.

Veremos mudanças tectônicas nesses fluxos físicos de comércio internacional nos próximos meses e anos, tão profundas quanto as observadas no processo de desdolarização global desde o início da guerra na Ucrânia.

Um exemplo dessa mudança tectônica é a importação de petróleo pela Índia (que depende de importações para 87% de seu consumo interno): antes de 2022, menos de 1% das importações de petróleo da Índia vinham da Rússia; em junho de 2025, a participação russa havia subido para mais de 43%.

3) Haverá uma explosão hiperinflacionária nos EUA (e na Europa), em parte devido ao impacto das tarifas sobre os preços ao consumidor nos EUA, mas principalmente devido ao aumento esperado de cerca de US\$ 100 trilhões em criptomoedas entre agora e 2030, que muitos “especialistas” projetam como resultado das políticas adotadas pelo governo Trump.

Com esses três processos já em andamento, restam duas questões cruciais pendentes sobre como o mundo responderá a essa realidade financeira emergente:

(A) Será que as nações da Maioria Global final-

mente tomarão as decisões necessárias para estabelecer novas instituições para a emissão de grandes quantidades de crédito produtivo, protegidas da especulação do sistema do dólar?

Qual será a natureza e o escopo das Novas Plataformas de Investimento (NIP) propostas pelo presidente russo Vladimir Putin? Qual será o papel do Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS? Em que moeda será emitido o novo crédito produtivo? Em suma, a *Maioria Global finalmente adotará um sistema de crédito hamiltoniano para substituir o atual sistema monetarista transatlântico falido*?

(B) Os países do Norte Global, como os EUA, reconhecerão que seu interesse próprio como nações reside em cooperar com os Brics, com o Sul Global, com a Iniciativa Cinturão e Rota, para benefício mútuo? Farão isso a tempo de evitar uma guerra termonuclear contra a Rússia e a China? *Os EUA retornarão às suas próprias origens políticas e adotarão novamente um sistema de crédito hamiltoniano para substituir o atual sistema monetarista trans-Atlântico falido*?

Felizmente, as respostas às perguntas (A) e (B) acima não são mutuamente exclusivas ou contraditórias: há uma solução para a crise atual que é benéfica tanto para o Norte quanto para o Sul. De fato, (A) não é possível sem (B), e (B) não é possível sem (A). Uma nova arquitetura internacional de segurança e desenvolvimento com essas características é necessária e possível, como afirma Helga Zepp-LaRouche há muito tempo.

Em outras palavras: se dinheiro fosse riqueza, a lei da selva (um jogo de soma zero) seria de fato cientificamente correta, como argumentam os monetaristas: meu ganho é sua perda. A entropia prevalece, e a guerra é um resultado certo.

Mas dinheiro não é riqueza. A verdadeira riqueza advém de avanços nas forças produtivas do trabalho como resultado da criatividade humana, como Lyndon LaRouche provou, e por essa razão a lei da selva é cientificamente falsa. Na verdade, vivemos em um universo que não é um jogo de soma zero; é um mundo em que todos podem ganhar. A antientropia prevalece.

Essa é a boa notícia e também a tarefa que temos pela frente. A seguir, vamos aprofundar os pontos acima.

Inadimplências da Dívida Soberana

Os agregados financeiros globais totais hoje somam mais de US\$ 2 quatrilhões. Como indica a **Figura 1**, a

maior parte disso são derivativos financeiros, que a EIR estima terem subido para cerca de US\$ 1,575 quatrilhões no final de 2024. O componente da dívida mundial total de todos os tipos foi de cerca de US\$ 318 trilhões e, dentro dessa categoria, a dívida externa total do setor em desenvolvimento foi de cerca de US\$ 8,8 trilhões.

Os 20 países do BRICS representavam cerca de US\$ 5,0 trilhões (56%) desse total. Se deixarmos de lado a dívida externa da China, de US\$ 2,4 trilhões, que é discutivelmente distinta de todas as outras, restam “apenas” US\$ 2,6 trilhões em dívida externa dos outros 20 países do BRICS.

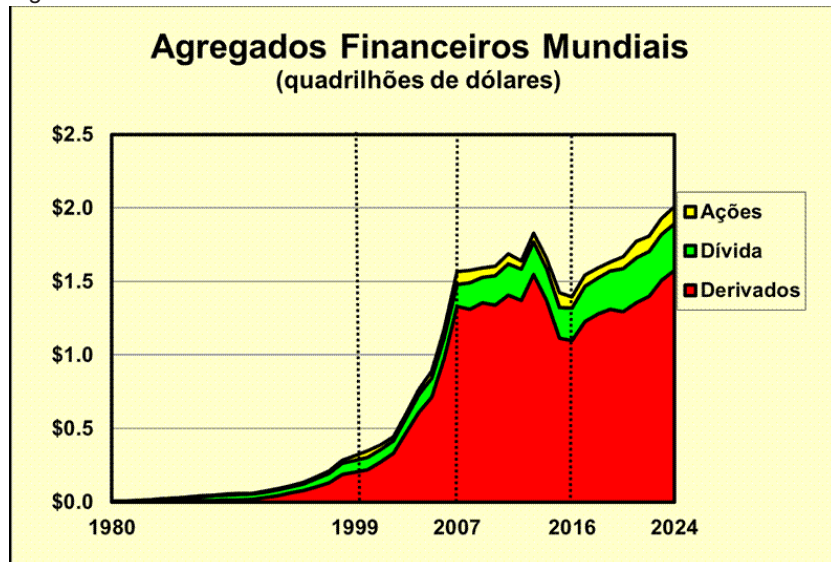
No entanto, seria um erro acreditar que o perigo é mínimo simplesmente porque esses US\$ 2,6 trilhões são minúsculos (um pouco mais de 0,1%) em comparação com os agregados financeiros globais totais de US\$ 2 quatrilhões. Na verdade, esses US\$ 2,6 trilhões funcionam como um rastilho capaz de acender toda a carga explosiva de US\$ 2 quatrilhões. Em 2023, o setor em desenvolvimento como um todo teve que pagar US\$ 1,4 trilhão em pagamentos de serviço da dívida (juros e principal) sobre sua dívida de US\$ 8,8 trilhões, dos quais US\$ 406 bilhões foram pagamentos de juros. Isso representou um aumento chocante de 30% sobre o valor dos juros pagos em 2022 — em parte devido ao elevado aumento das taxas de juros.

A **Figura 2** mostra a dívida total e os pagamentos do serviço da dívida (como porcentagem das exportações) de cinco países BRICS selecionados e representativos. Como pode ser visto, o índice de serviço da dívida chega a 30% no caso do Egito. Isso indica uma extrema vulnerabilidade à inadimplência, já que a redução das receitas de exportação — que sem dúvida ocorrerá como resultado das tarifas de Trump — diminuirá a capacidade de pagar a dívida.

Mudanças nos padrões comerciais

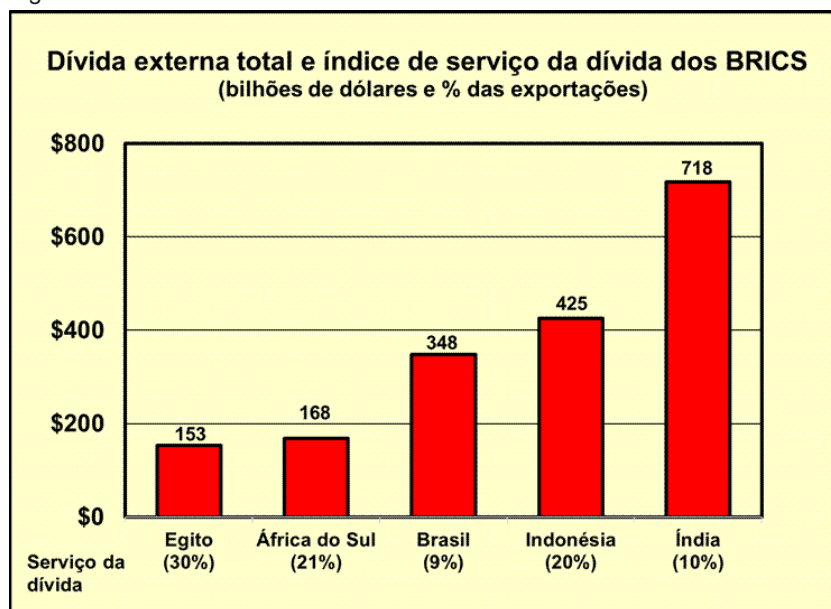
A **Figura 3** mostra os níveis de tarifas dos EUA aplicados (em agosto de 2025) a cada um dos cinco países BRICS indicados, que variam até 50%, como é o caso da Índia e do Brasil — que juntos devem mais de US\$ 1 trilhão em dívida externa. A tabela também mostra a participação das exportações de cada país para os Estados Unidos, em comparação com suas exportações para outros países BRICS. Em todos os casos, esses cinco países exportam substancialmente mais para outros países do BRICS do que para os Estados Unidos. A média ponderada dos cinco é: 10% de suas exportações vão para os EUA (onde enfrentam uma

Figura 1



Fontes: BIS, Banco Mundial, NYSE, EIR.

Figura 2



Fontes: Banco Mundial, Trading Economics; CEIC Data.

tarifa média ponderada de impressionantes 42%); 25% de suas exportações vão para outros países do BRICS.

Aliás, essa diferença aumentou nos últimos anos e pode-se esperar que continue a aumentar a um ritmo acelerado à medida que as tarifas de Trump entram em vigor. Isso também explica por que há uma discussão crescente no BRICS sobre a formação de uma união aduaneira BRICS, que teria tarifas uniformemente baixas (ou zero) dentro dos BRICS, com tarifas exter-

nas coordenadas mais altas fora da união aduaneira BRICS.

Nada disso deve ser uma surpresa. Os dez Estados-membros do BRICS representavam apenas 11% do total das exportações mundiais em 2001; hoje, representam cerca de 25% do total mundial.

Mas não são apenas as exportações do BRICS que sofrerão mudanças radicais. As importações de produtos essenciais para a economia física de cada nação podem ser uma questão de vida ou morte se forem interrompidas, e estudos detalhados e análises intensas desses detalhes estão em andamento na maioria, senão em todos, os países dos BRICS. Eles estão se perguntando:

O que acontecerá se formos submetidos a uma guerra econômica total e a embargos, como aconteceu com a Rússia, o Irã, a Venezuela, a Nicarágua, Cuba e outros? Como nos prepararemos se formos forçados a adotar o equivalente a uma economia de guerra, como a Rússia teve que fazer? Esses países estão analisando sua lista nacional de materiais para sobreviver em condições de guerra econômica. Somos autossuficientes em alimentos e energia? Se não, onde podemos comprar grãos e petróleo? E quanto ao aço, cimento, fertilizantes, tratores e máquinas-ferramentas essenciais e outros bens de capital de alta tecnologia? Quem nos ajudará a construir ferrovias de alta velocidade, portos e barragens? O que podemos nos preparar para produzir nos próximos 5 a 10 anos? Em quem mais nos BRICS ou em outras nações amigas podemos confiar para

obter ajuda, transferência de tecnologia e comércio mutuamente benéfico (win-win)?

Hiperinflação

Não é segredo que as tarifas impostas por Trump se traduzirão em uma redução das importações dos EUA, combinada com a transferência de grande parte (se não toda) do aumento do preço dos itens importados restantes para os consumidores americanos. Mas isso será

Figura 3

Países selecionados do BRICS: exportações totais e participação percentual (2024)				
	Níveis tarifários dos EUA	Total de Exportações	Exportação para os EUA	Exportações para o BRICS
	(agosto de 2025)	(bilhões de dólares)	(% do total)	(% do total)
Índia	50%	825	9%	12%
Indonésia	19%	265	10%	57%
Brasil	50%	337	13%	36%
África do Sul	30%	110	7%	19%
Egito	10%	40	6%	24%
TOTAL	42%	1,577	10%	25%

Fontes: Banco Mundial, Trading Economics; CEIC Data.

apenas um componente menor dos próximos aumentos acentuados nos preços, que ocorrerão principalmente como resultado da *inflação dos ativos financeiros* desencadeada pela inundação planejada do sistema financeiro internacional com cerca de US\$ 100 a 200 trilhões em criptomoedas sem valor nos próximos cinco anos, como é amplamente previsto.

É essa característica das criptomoedas que também desmente o mantra repetido com frequência — um dos favoritos da equipe econômica de Donald Trump — de que as tarifas não só trarão bilhões de dólares em receita para o Tesouro dos EUA, mas também levarão a um rejuvenescimento da indústria americana, à medida que os Estados Unidos passam a produzir internamente o que agora é importado.

Aqueles que acreditam e divulgam esse argumento são tolos ou mentirosos — ou ambos. Em primeiro lugar, há muitas coisas que os Estados Unidos são simplesmente incapazes de produzir neste momento, graças a meio século de políticas agressivas de desindustrialização nas mãos de Wall Street e da City de Londres. Não podemos construir trens de alta velocidade. Não produzimos mais máquinas-ferramentas na escala necessária. Nossa força de trabalho qualificada está envelhecendo e morrendo. E assim por diante.

Do ponto de vista político, a única maneira de as tarifas ajudarem a levar à industrialização é se forem acompanhadas de uma política de geração massiva de crédito produtivo — como foi o caso do projeto do Sistema Americano de Alexander Hamilton. Mas não existe tal política de crédito nos Estados Unidos hoje — exatamente o oposto é o caso. Dos US\$ 27 trilhões em flexibilização quantitativa (QE) acumulada injetada no sistema transatlântico entre 2008 e 2021, suposta-

mente para impedir o colapso financeiro de 2008, fornecendo novos fundos aos bancos para que eles pudessem emprestar, exatamente *zero* (US\$ 0,00) foi usado para investimento produtivo. Tudo foi usado para tentar resgatar a bolha especulativa de US\$ 2 quatrilhões.

Como mostra a **Figura 4**, o QE havia praticamente chegado ao fim em 2021, e uma iniciativa urgente liderada por financiadores foi lançada para injetar novos trilhões de dinheiro fictício no sistema, na forma de criptomoedas sem valor, emitidas

pelo setor *privado* (incluindo as chamadas *stablecoins*) — até US\$ 100 ou mesmo US\$ 200 trilhões em novos ativos monetários até o ano de 2030, de acordo com várias fontes, como mostra a **Figura 5**.

Isso será novamente canalizado inteiramente para alimentar a bolha especulativa e inflá-la ainda mais, sem que nada seja empregado para aumentar a produtividade econômica física. Daí a hiperinflação. Pensar que essa abordagem resolverá nossa crise econômica é como carregar uma bazuca financeira gigante com US\$ 100 trilhões, despejar concreto em seu cano para que ela não possa ser usada para investimentos produtivos e, então, dispará-la.

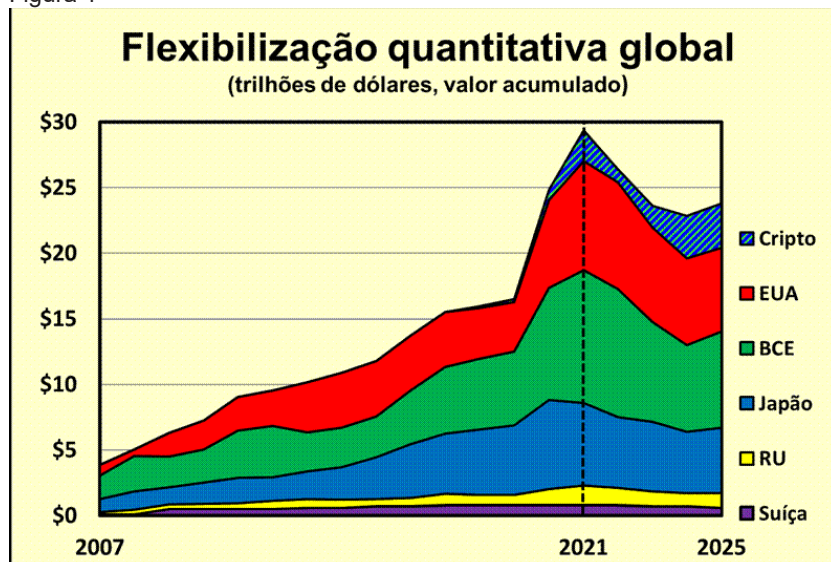
Os promotores atuais das cripto-tarifas não são mais espertos do que a personagem das animações Wile E. Coyote.

O Plano de Ação LaRouche

É bem possível que a política de cripto-tarifas de Washington tenha um efeito contrário ao que seus proponentes jamais imaginaram. Celso Amorim, principal assessor internacional do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou com naturalidade que, se o Brasil não puder vender para os Estados Unidos, procurará outros mercados, como a China. O próprio presidente Lula afirmou que entraria em contato com seus homólogos chinês e indiano, Xi Jinping e Narendra Modi, seguidos por outros líderes. “Vou tentar discutir com eles como cada um está lidando com essa situação, quais são as implicações para cada país, para que possamos tomar uma decisão... Ainda não há coordenação entre o BRICS, mas haverá.”

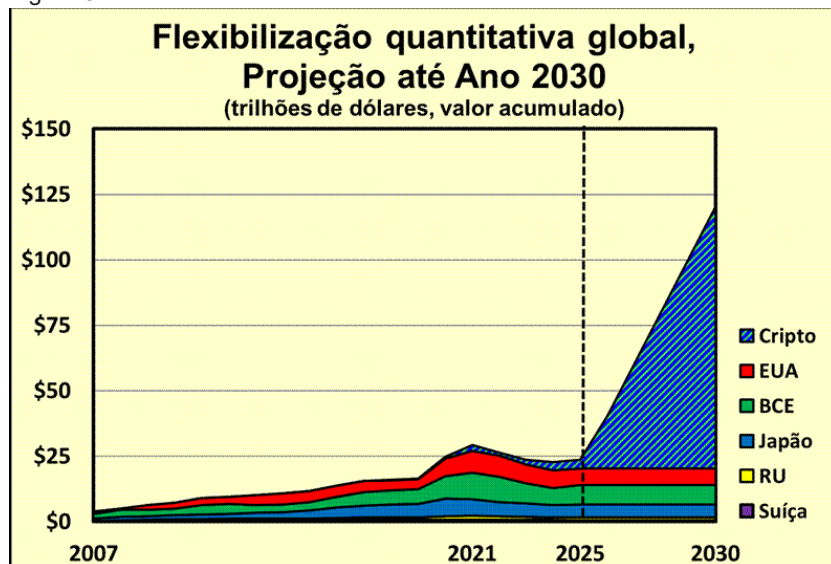
O governo indiano também não está divertido com a tarifa de 50% imposta às exportações da Índia para os

Figura 4



Fontes: Banco da Reserva Federal de St. Louis; relatórios da mídia.

Figura 5



Fontes: Banco da Reserva Federal de St. Louis; relatórios da mídia.

Estados Unidos. O Ministério das Relações Exteriores daquele país alertou: “É, portanto, extremamente lamentável que os EUA tenham optado por impor tarifas adicionais à Índia... A Índia tomará todas as medidas necessárias para proteger seus interesses nacionais.” E há outras discussões extensas em andamento entre os países do BRICS.

Os 20 países do BRICS estão bem cientes do fato de que, juntos, representam 54% da população mundial e que são fortes — em conjunto — em outros parâmetros econômicos físicos importantes: 52% da produção

global de trigo; 38% do petróleo; e quase 75% do carvão e do aço (ver **Figura 6**). Elas também estão cientes de que podem negociar entre si usando suas próprias moedas nacionais, em vez do dólar tóxico e especulativo, e estão cada vez mais fazendo isso. E estão estudando mecanismos técnicos para estabelecer uma câmara de compensação unificada e um sistema de liquidação para suas transações não relacionado ao dólar.

O elemento crucial que falta — até o momento — é como criar novas instituições emissoras de crédito que possam fornecer fluxos massivos de crédito produtivo, mas mantendo esses fluxos totalmente segregados do câncer especulativo de US\$ 2 quatrilhões. Uma nova unidade de conta comum ou moeda é necessária como veículo para esses fluxos de crédito, mas isso de forma alguma substitui o papel atual e adequado das moedas nacionais soberanas das nações participantes. Em outras palavras, o modelo do que precisa ser feito *não* é, de forma alguma, o do euro da União Europeia. Como este autor escreveu anteriormente em um artigo de 2023, “[Alguns Fundamentos de La-Rouche para a Transição para um Novo Sistema Financeiro Internacional.](#)”

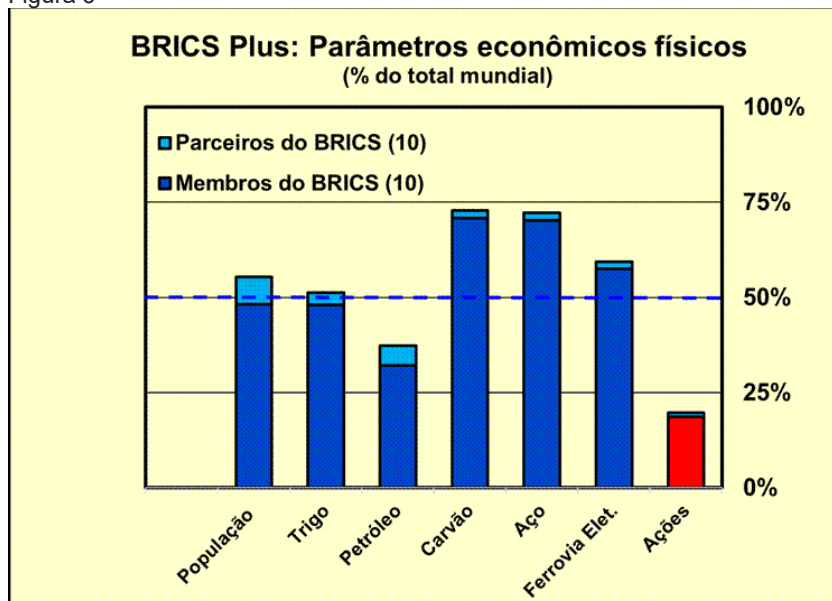
Existem três critérios centrais que o novo sistema e sua moeda devem atender:

1) Separação total entre a nova moeda e as moedas nacionais participantes, de um lado, e o dólar predatório e tóxico, de outro, ou seja, nenhuma

livre conversibilidade entre elas. Controles cambiais e de capital tornam-se ferramentas essenciais para alcançar esse resultado. Para os Estados Unidos, isso significa um retorno à Lei Glass-Steagall, com sua estrita separação entre crédito produtivo e atividade especulativa.

2) Uma relação de taxa de câmbio fixa entre as moedas nacionais participantes e a nova moeda. Taxas de câmbio flutuantes têm sido uma ferramenta de especulação financeira desde agosto de 1971 e são um anátema para a cooperação comercial e de investimento

Figura 6



Fontes: FAO, WB, IAEA, Statista, EIR.

de longo prazo entre nações soberanas.

3) Crédito produtivo deve ser emitido nessa nova moeda para financiar grandes projetos de desenvolvimento, com forte ênfase em ciência e tecnologias avançadas, dentro e entre as nações participantes, para impul-

sionar rapidamente as economias físicas e, assim, fornecer o único respaldo sólido possível para o valor e a estabilidade da nova moeda. Pense em Alexander Hamilton.

Esses fundamentos ainda se aplicam hoje, enquanto a Maioria Global delibera sobre as Novas Plataformas de Investimento de Putin e o papel necessário do Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS.

Por fim, os estadistas dos países BRICS e da Maioria Global devem apelar ativamente aos Estados Unidos e à Europa, especialmente aos seus líderes e movimentos políticos mais ponderados, para que se juntem a essa abordagem vantajosa para todos, e ajudem a deixar claro que a cooperação, e não o confronto, é a melhor opção para todas as partes envolvidas. As cripto-tarifas

podem estar na ordem do dia em Washington, mas a voz de Alexander Hamilton — e de Abraham Lincoln, Franklin D. Roosevelt e Lyndon LaRouche — não foi silenciada, à medida que os Estados Unidos se aproximam do seu 250º aniversário.

Para mayor información escriba a preguntas@larouchepub.com



Ver no telefone